

Ansiedade entre acadêmicos de Enfermagem de estágio curricular obrigatório na pandemia da COVID-19

Anxiety among undergraduate Nursing students with mandatory curricular internship during the COVID-19 pandemic

Como citar este artigo:

Martins MC, Coelho MMF, Oliveira DT, Almeida PC, Cavalcante VMV, Lima LRF, et al. Anxiety among undergraduate Nursing students with mandatory curricular internship during the COVID-19 pandemic. Rev Rene. 2022;23:e81055. DOI: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20222381055>

-  Mariana Cavalcante Martins¹
-  Manuela de Mendonça Figueirêdo Coelho¹
-  Débora Teles de Oliveira¹
-  Paulo Cesar de Almeida²
-  Viviane Mamede Vasconcelos Cavalcante¹
-  Larissa Rodrigues de Freitas Lima¹
-  Fabiane do Amaral Gubert¹

¹Universidade Federal do Ceará.
Fortaleza, CE, Brasil.

²Universidade Estadual do Ceará.
Fortaleza, CE, Brasil.

Autor correspondente:

Manuela de Mendonça Figueirêdo Coelho
Rua Alexandre Baraúna, 1115 - Rodolfo Teófilo,
CEP: 60430-160. Fortaleza, CE, Brasil.
E-mail: manumfc2003@yahoo.com.br

Conflito de interesse: os autores declararam que não há conflito de interesse.

EDITOR CHEFE: Ana Fatima Carvalho Fernandes

EDITOR ASSOCIADO: Luciano Marques dos Santos

RESUMO

Objetivo: comparar a média de ansiedade em estudantes de graduação em Enfermagem na pandemia da COVID-19. **Métodos:** estudo transversal coletado com 101 acadêmicos de Enfermagem. A coleta ocorreu por meio do WhatsApp®, sendo enviado um *link* contendo termo de consentimento, instrumento do Google Forms® e Inventário de Ansiedade Traço-Estado. A análise deu-se por meio da tendência central, frequências absolutas e percentuais e testes analíticos. **Resultados:** o nível de ansiedade-traço e ansiedade-estado, respectivamente, apresentaram níveis médio (52,5%) e alto (67,3%) com média de ansiedade-estado (48,1) maior que a média de ansiedade-traço (42,3) e correlação positiva ($r = 0,479$) entre as duas escalas ($p < 0,000$). Mostraram-se elevados nos discentes que conviviam com familiares com condições de risco para agravamento da COVID-19, mantiveram isolamento social, não realizaram teste confirmatório da doença e realizaram estágio na clínica médica. **Conclusão:** identificaram-se percentuais significativos de níveis de ansiedade entre os acadêmicos de Enfermagem em estágio obrigatório durante a pandemia de COVID-19, elucidando a necessidade de ações de prevenção para esse público. **Contribuições para a prática:** ressalta-se que, com base nesses achados, propostas de prevenção aos agravos à saúde mental desse público poderão ser elaboradas visando à mudança do cenário atual da saúde mental. **Descritores:** Ansiedade; Estudantes de Enfermagem; Pandemias; COVID-19.

ABSTRACT

Objective: to compare the average anxiety among undergraduate Nursing students during the COVID-19 pandemic. **Methods:** it was a cross-sectional study conducted with 101 undergraduate Nursing students. Data collection took place through WhatsApp®, by sending a link containing a consent form, a Google Forms® instrument and State-Trait Anxiety Inventory. The analysis was carried out through central tendency, absolute and relative frequency, and analytical tests. **Results:** trait anxiety and state anxiety presented medium (52.5%) and high (67.3%) levels, respectively, with mean state anxiety (48.1) higher than the mean trait anxiety (42.3) and positive correlation ($r=0.479$) between the two scales ($p<0.000$). They were high among students who lived with family members with risk factors for COVID-19 aggravation, underwent social isolation, without confirmatory tests for the disease, and performed an internship in internal medicine. **Conclusion:** significant percentages of anxiety levels were identified among undergraduate Nursing students in mandatory internship during the COVID-19 pandemic, thus revealing the need for preventive actions for this public. **Contributions to practice:** based on these findings, proposals to prevent mental health problems in this public can be developed seeking to change the current mental health scenario.

Descriptors: Anxiety; Students, Nursing; Pandemics; COVID-19.

Introdução

O *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2) foi descoberto no final do ano de 2019, na cidade de Wuhan, na China. No Brasil, dados do Ministério da Saúde confirmaram mais de 30 milhões de casos e mais de 683 mil óbitos em todo país, dos quais mais de 1 milhão e 300 mil casos e 27.561 óbitos foram atestados até agosto de 2022 pelo governo do estado do Ceará⁽¹⁾.

A pandemia do coronavírus tem ultrapassado as fronteiras físicas, trazendo impactos não só econômicos e sociais, mas também psíquicos, com repercussões drásticas na saúde mental, individual e coletiva — estima-se que a quantidade de pessoas psicologicamente afetadas apresente maiores índices que os indivíduos infectados⁽²⁻³⁾.

Ressalta-se que o estresse relacionado aos efeitos da quarentena tem sido um fator de adoecimento psicológico em uma escala maior para os profissionais da saúde⁽⁴⁻⁵⁾, que vivenciam em seu dia a dia alterações emocionais importantes normalmente ligadas ao ambiente de trabalho exacerbado em momentos de epidemias e pandemias⁽⁶⁾.

O adoecimento psíquico dos profissionais de saúde durante a pandemia de COVID-19 foi apresentado em revisão integrativa que identificou a presença de estresse moderado a grave em 59% dos profissionais, depressão em 12,7% a 50,4% e ansiedade em 20,1% a 44,6%; e angústia, medo e sono prejudicado apresentaram-se “regulares” na população estudada⁽⁷⁾.

Considerando a magnitude desse problema em profissionais formados, deve-se lembrar dos indivíduos que se encontram em processo formativo, em conclusão de suas atividades práticas finais como requisito obrigatório para colação de grau e já puderam experienciar com os profissionais, nos cenários de estágio, as dificuldades produzidas pela pandemia da COVID-19.

Alguns discentes sofreram as adversidades

impostas pela pandemia decorrentes da ausência/ condição precária de infraestruturas necessárias para aulas remotas como: adaptação às atividades, dificuldade para acesso à internet, familiares necessitando de atenção e singularidades cognitivas de cada aluno, além de ausência/insuficiência de equipamentos de proteção individual nos campos de prática⁽⁸⁻⁹⁾.

O estágio obrigatório é um importante marco na formação desses futuros profissionais. Pesquisas realizadas durante a pandemia para verificar os efeitos na saúde mental destes detectaram presença na sua maioria de sintomas como impotência, angústia, medo de perder familiares, amigos ou conhecidos, bem como irritabilidade e tristeza (89,9%). Sintomas de estresse e ansiedade relacionada a alterações sociais vivenciadas durante a pandemia também foram identificados⁽¹⁰⁻¹¹⁾.

Enfatizando o contexto da enfermagem na linha de frente assistencial, tal categoria tornou-se vulnerável a alterações no funcionamento psíquico, fato, este, estendido aos estudantes da área. Revisão integrativa realizada em 2020 analisou como estudantes de Enfermagem foram impactados em sua saúde mental no contexto pandêmico: 12 estudos internacionais apontaram o surgimento ou piora dos transtornos mentais nos acadêmicos de Enfermagem, prevalecendo sintomas como estresse, ansiedade, medo e depressão⁽¹²⁾.

Desse modo, diante da necessidade de estudos com acadêmicos brasileiros e considerando o papel de destaque da enfermagem neste momento, torna-se relevante o presente estudo, cujo objetivo foi comparar a média de ansiedade em estudantes de graduação em Enfermagem na pandemia da COVID-19.

Métodos

Trata-se de estudo transversal realizado com estudantes de universidades públicas e privadas localizadas em Fortaleza, estado do Ceará, Brasil, entre os meses de agosto e dezembro de 2020.

O estudo constou de uma amostra por conve-

niência de 101 acadêmicos de Enfermagem do estado do Ceará, maiores de 18 anos e que estavam em estágio curricular obrigatório (cursando a disciplina de Internato ou Supervisionado). Esse quantitativo referiu-se ao número de respondentes da pesquisa entre o período de agosto e dezembro, após larga divulgação nas redes sociais e envio de e-mails de para cursos de graduação em Enfermagem. O cálculo amostral não foi estimado estatisticamente, pois não foi possível obter o quantitativo de estudantes matriculados no Estágio Supervisionado ou Internato no Ceará; e o fato de a coleta ter sido realizada por meio de redes sociais impossibilitaria que todos os estudantes participassem do estudo.

Inicialmente foram convidados os estudantes dos últimos semestres da universidade em que os pesquisadores são docentes; em seguida, utilizou-se a estratégia de bola de neve, solicitando que os participantes indicassem outros. Foram incluídos alunos que tivessem acesso a smartphone e/ou a computador com internet e excluídos os estudantes que por ventura estivessem repetindo a disciplina de Estágio Supervisionado/Internato e os que não estivessem cumprindo os estágios obrigatórios finais para a colação de grau.

A divulgação do formulário ocorreu para os alunos de universidade públicas ou privadas que estivessem cursando o estágio obrigatório (Internato ou Supervisionado). Foram contatados por meio de mensagens individuais e privadas em redes sociais WhatsApp® e Instagram®. Além disso, solicitou-se que esses respondentes encaminhassem o formulário para outros estudantes que satisfizessem os critérios de inclusão.

Foi elaborado um questionário on-line, no Google Forms®, agrupado em quatro etapas com perguntas fechadas: Etapa 1 – Perfil socioeconômico, demográfico e universitário dos acadêmicos de Enfermagem em Estágio Curricular Supervisionado ou Internato; Etapa 2 – Conhecimento e prevalência da

COVID-19 nos graduandos e nos seus familiares e/ou conhecidos; Etapa 3 – Como o graduando se sente na sua vida; e Etapa 4 – A atuação como acadêmico diante da pandemia COVID-19. Ressalta-se que, para mensurar os níveis de ansiedade, foi aplicado o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), inserido na Etapa 3. Foi realizado teste do instrumento com cinco estudantes, o qual, por não demonstrar necessidade ajuste, os resultados destes foram incluídos na amostra final.

O IDATE foi desenvolvido⁽¹³⁾, traduzido e adaptado para o Brasil⁽¹⁴⁾, contando com questões que solicitam a resposta segundo a autopercepção do indivíduo em relação à ansiedade enquanto estado (IDATE-E) e outra que trata da ansiedade enquanto traço (IDATE-T). O estado de ansiedade relaciona-se com a reação provisória diretamente ligada a uma situação em determinado momento da vida (aqui, no estudo, em relação à ansiedade no período da pandemia); já o traço de ansiedade atrela-se a um aspecto estável associado à autopercepção do indivíduo sobre sua ansiedade ao longo da vida⁽¹⁵⁾.

Trata-se de um instrumento de autorrelato do tipo Likert, composto por duas escalas: uma que avalia o estado de ansiedade, e outra que avalia traço de ansiedade, ambas com 20 itens. Cada escala tem escore variável de 20 a 80 e apresenta os seguintes pontos de corte: 20-40, baixo nível de ansiedade; 40 a 60, médio nível de ansiedade; maior que 61, alto nível de ansiedade. Diversos países utilizaram a escala e demonstraram validade e confiabilidade satisfatórias em populações psiquiátricas e não psiquiátricas: Grécia, França, Malásia, Estados Unidos, Portugal, Líbano, Caribe, entre outros⁽¹⁶⁾.

As variáveis dependentes foram os níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado. As orientações disparadoras foram: “Para as questões relacionadas à ansiedade-traço, dê as respostas que representam melhor sua condição de ansiedade durante sua vida”; “Aponte as respostas que mais representam sua realidade no tocante às quatro últimas semanas durante a

pandemia da COVID-19." Essas respostas nos permitiriam a comparação entre as médias dos níveis de ansiedade que os alunos autorrelatassem durante a vida e as médias durante a pandemia. Agregaram-se os resultados de médio e alto nível de ansiedade no intuito de avaliar se houve aumento dos estágios mais graves de ansiedade-estado (período de pandemia) em relação à ansiedade-traço (perfil ansioso prévio).

As variáveis independentes foram: sexo, idade, raça, estado civil, renda familiar, cidade em que reside, com quem mora, número de pessoas com quem mora, instituição de estudo, se convive com parentes de grupo de risco, se esteve em isolamento social, se fez o teste para COVID-19, qual o resultado do teste, local onde realizou estágio e se teve contato com paciente COVID-19 durante o estágio.

Os dados foram tabulados em planilha do programa Microsoft Excel®. Variáveis qualitativas foram descritas por frequências absolutas e relativas; e as quantitativas, por média e desvio-padrão conforme verificação de aderência à distribuição Kolmogorov-Smirnov, contudo o Teorema Central do Limite foi considerado. A comparação de médias foi realizada mediante testes *t* de Student, considerando-se 5% como nível de significância.

O projeto foi submetido a Conselho de Ética em Pesquisa, recebendo parecer favorável sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 35898920.8.0000.5054, parecer nº 4.277.440/2020, tendo sido conduzido em conformidade com os padrões éticos exigidos.

Resultados

Dos 101 estudantes que participaram do estudo, 88 (87,1%) eram do sexo feminino, 49 (48,5%) se autodeclararam pardos e 33 (32,7%) como brancos. Tinham média de idade de 25 ± 5 anos, 76 (75,2%) moravam na capital, 76 (75,2%) não tinham companheiro, 55 (54,5%) moravam com pais e irmãos,

67 (66,3%) conviviam com alguma pessoa do grupo de risco para COVID-19 com convivência média de $3,5 \pm 1,4$ pessoa. Entre os respondentes, 63 (62,4%) não trabalhavam naquele momento, e 55 (54,5%) possuíam renda familiar de dois a três salários mínimos.

Entre os participantes, 89 (88,1%) estudavam em Fortaleza; e 51 (50,5%), em universidade pública. No tocante à realização do internato/estágio supervisionado em tempos de pandemia, 97 (96%) referiram que esta afetou sua vida acadêmica de alguma forma, 75 (74,3%) não sentiram vontade de retomar as atividades acadêmicas, 95 (94,1%) encontravam-se em isolamento social antes do retorno aos campos de prática e 77 (76,2%) relataram ter realizado práticas de cuidado a infectados.

Quanto à condição clínica, 41 (40,6%) realizaram algum teste de COVID-19, um total de 20 (19,8%) não fez teste, mas apresentou algum sintoma clínico. Os testes realizados em 41 participantes foram: 3 (7,75%) de sorologia (Elisa, imunofluorescência e quimioluminescência), 11 (27,5%) *swabs* e 27 (67,5%) testes rápidos.

Dos 61 (60,4%) que apresentaram algum sintoma, houve prevalência de cefaleia em 45 (73,7%), fadiga em 42 (68,9%), febre em 34 (59%), coriza em 35 (57,4%), tosse em 34 (55,7%), perda de olfato em 32 (52,4%), diarreia em 28 (45,9%), perda de paladar em 28 (45,9%), dispneia em 25 (41,0%) e náusea em 19 (31,1%).

Em relação ao nível de ansiedade-traço e ansiedade-estado, 53 (52,5%) e 69 (67,3%) apresentaram níveis médio e alto, respectivamente. A média de ansiedade-estado ($48,1 \pm 11,9$) foi maior que a de ansiedade-traço ($42,3 \pm 9,5$) ($p < 0,000$).

A comparação entre as médias obtidas nas duas escalas segundo as variáveis sociodemográficas está apresentada na Tabela 1. Apenas os estudantes que moram com uma ou duas pessoas não apresentaram diferenças entre as médias de ansiedade-traço e ansiedade-estado.

Tabela 1 – Comparação das médias de ansiedade-traço e ansiedade-estado, segundo as variáveis sociodemográficas (n=101). Fortaleza, CE, Brasil, 2020

Variáveis	Ansiedade-traço		Ansiedade-estado		p [†]
	Média	DP*	Média	DP	
Sexo					
Feminino	42,30	10,0	48,14	12,21	< 0,000
Masculino	41,76	5,1	48,23	10,52	0,028
Idade (anos)					
21-22	48,51	8,7	53,31	11,73	0,009
23-24	40,13	8,2	48,25	12,04	0,001
25-49	39,27	9,1	43,89	10,59	0,015
Raça					
Pardo	41,43	8,2	47,41	9,60	< 0,000
Branco	42,24	10,0	47,41	9,60	0,024
Preto	41,20	7,0	49,93	15,45	0,018
Renda familiar (salário mínimo)					
Até 1	44,05	6,00	48,65	10,12	0,041
2 - 3	41,16	9,37	46,62	11,68	0,002
> 4	43,11	11,85	51,00	13,63	0,000
Com quem mora					
Pais/irmã	41,56	8,98	49,40	11,61	0,000
Companheiro	43,15	11,96	46,19	13,46	0,128
Outro	42,90	7,60	47,25	10,96	0,021

*DP: Desvio-padrão; †Teste t de Student para dados emparelhados

A Tabela 2 apresenta a comparação da média entre os dois escores de ansiedade quanto a variáveis comportamentais e acadêmicas diante da doença. Evidenciam-se diferenças significantes de níveis de ansiedade em pessoas que convivem ou não com parentes de risco, naquelas em isolamento, entre outras, apresentado significância estatística em todas as variáveis estudadas.

Tabela 2 – Comparação das médias de ansiedade-traço e ansiedade-estado, segundo as variáveis comportamentais e acadêmicas diante da COVID-19. Fortaleza, CE, Brasil, 2020

Variáveis	Ansiedade-traço		Ansiedade-estado		p [†]
	Média	DP*	Média	DP	
Convive com parente de risco					
Sim	40,98	8,4	47,70	11,16	0,000
Não	44,07	10,8	48,80	13,15	0,006
Esteve em isolamento social					
Sim	42,36	9,6	48,81	11,9	0,000
Não	40,16	8,2	37,67	4,0	0,415
Fez o teste de COVID-19					
Não. Manifestei os sintomas clássicos, mas não fiz o teste	42,45	8,7	42,85	10,5	0,892
Não. Não manifestei os sintomas clássicos	40,40	9,2	47,23	10,3	0,000
Sim	43,92	10,0	51,63	13,1	0,000
Resultado do teste					
Positivo	45,00	11,7	50,00	13,6	0,021
Negativo	42,68	7,8	53,53	12,6	0,000
Local de estágio					
Atenção Básica	41,03	7,8	45,96	12,14	0,005
Unidade de Pronto Atendimento	43,30	9,1	46,00	10,68	0,590
Sala de parto/pós-parto	42,93	9,9	50,13	11,8	0,048
Unidade de Terapia Intensiva	39,62	7,2	45,38	10,3	0,041
Clínica médica	41,96	12,6	50,26	13,3	0,000
Clínica cirúrgica	46,00	14,0	50,35	13,0	0,119
Hospital de saúde mental	43,87	8,0	45,00	11,6	0,844
Sala de reanimação	44,13	10,4	50,53	10,6	0,110

*DP: Desvio-padrão; †Teste t de Student para dados emparelhados

Discussão

A predominância do sexo feminino no curso de enfermagem é um fato histórico e comum⁽¹⁷⁻²⁰⁾. Alguns autores enfatizam que a prevalência feminina pode ser decorrente da cultura, na qual as mulheres são responsáveis pelo cuidado nas diversas civilizações, fato que se perpetua no decorrer dos anos⁽²⁰⁾. A média de idade para cursos da área da saúde é 22,3(±4,6) anos, sendo superior para o curso de Enfermagem, 21-30 (62%), o que corrobora a média de 25 anos encontrada na literatura⁽²¹⁻²²⁾.

Ressalta-se que o impacto deste estudo foi detectar que, em quase todas as variáveis avaliadas, houve significância estatística quando se realizou o entrecruzamento dos dados comparando a ansiedade-traço com a ansiedade-estado, isto é, no período da pandemia, o nível de ansiedade dos acadêmicos de Enfermagem avaliados possivelmente esteve aumentado.

Pesquisas internacionais também apresentaram resultados confirmando que ansiedade, depressão e estresse foram mais frequentes entre os estudantes universitários no período pandêmico comparativamente a períodos normais⁽²³⁻²⁵⁾.

O sexo feminino teve altos níveis de ansiedade, apontando que as mulheres podem revelar maiores alterações emocionais, indo ao encontro de pesquisa sobre a mesma vertente, na qual se identificou prevalência de mulheres com ansiedade, depressão e estresse⁽²³⁾. Ainda que estudos mostrem essa prevalência, estes não explicam o porquê de ocorrer entre mulheres, o que pode suscitar diversas reflexões sobre o possível papel do feminino na sociedade, suas múltiplas funções e os impactos sofridos por elas durante o contexto de isolamento e adoecimento propiciado pela pandemia, além dos próprios constituintes biológicos como carga hormonal.

Quanto à idade, sabe-se que alunos mais jovens são mais resilientes e com maior capacidade adaptativa, entretanto estudantes com mais de 22 anos apontam menores níveis de ansiedade e sem diferenças em

relação à raça, de acordo com apresentado na amostra estudada⁽²⁶⁾. Há de se considerar a heterogeneidade do Brasil no tocante à raça, principalmente nas Regiões Norte e Nordeste, o que abre a reflexão sobre resultados diferentes dos níveis de ansiedade entre as raças a despeito do local de realização do estudo.

A preocupação dos estudantes com a saúde dos parentes é um fator relacionado aos níveis de ansiedade dos estudantes universitários, em consonância com a diferença estatística significativa entre ansiedade-traço e ansiedade-estado de alunos que moram com seus pais⁽²⁷⁾. A renda entre dois e três salários mínimos e o maior número de pessoas vivendo na mesma casa também foram dados que tiveram significância, o que não corrobora outros achados, os quais não evidenciam que a condição econômica reflete diretamente na ansiedade de trabalhadores da saúde⁽²⁸⁾.

No contexto comportamental, percebe-se que a ansiedade estava em níveis médio/alto nos acadêmicos que conviveram com parentes de risco, que estiveram em isolamento social e que fizeram ou não o teste de COVID-19. É válido enfatizar a existência de impactos na saúde mental em decorrência dessa pandemia nas rotinas dos graduandos e profissionais de enfermagem. Eles ficam à mercê de situações desgastantes físicas e mentais, devido ao medo da contaminação, medo de familiares pertencentes a grupos de riscos adoecerem; têm receio de não dispor das informações suficientes para instruir a população; sofrem de solidão ocasionada pelo isolamento social; apresentam humor deprimido e sintomas de ansiedade, bem como sintomas neurovegetativos como taquicardia, insônia, pensamento acelerado, ataque de pânico e respiração irregular⁽²⁹⁾.

Grande parte da população, 75,2% dos respondentes, referiram medo de transmitir a doença para seus familiares; esse medo gera ansiedade, identificada no presente estudo e potencializada pelo fato de muitos desses familiares serem do grupo de risco⁽³⁰⁾.

Em continuidade, tem-se também a influência da mídia sobre o comportamento ansioso, em espe-

cial naqueles que estiveram em isolamento social. O excesso de informações veiculadas sobre medidas de confinamento, acompanhamento da situação em nível global e aumento dos casos positivos de COVID19 influenciou, possivelmente, os níveis de ansiedade, depressão e estresse entre os estudantes universitários, mesmo com a informação de que este não seria um grupo de maior risco em termos de letalidade⁽²⁵⁾.

A não realização do teste foi fator interveniente fundamental identificado para o aumento no nível de ansiedade, o que valida a hipótese de que a realização do teste para a COVID-19 em pacientes sintomáticos diminui a prevalência de sinais e sintomas de estresse, ansiedade e depressão, sendo assim um fator de proteção⁽³⁰⁾. A falta de conhecimento sobre a condição sorológica desses estudantes, assim como da população geral, ocorreu devido à indisponibilidade em larga escala de insumos para realização do teste. Isso indicou para o setor público que o investimento em insumos diagnósticos propicia proteção indireta a outros adoecimentos (aqui, no caso, um transtorno psíquico), causando, assim, impactos positivos na população que vão além do adoecimento pelo vírus.

O contexto acadêmico também foi avaliado em relação ao local do estágio, com destaque para a atuação no serviço de clínica médica. O processo de ensino-aprendizagem com a suspensão dos estágios em clínica médica, pediátrica e saúde coletiva foi prejudicado, gerando insegurança, preocupação e estresse nos estudantes.

Considerando a clínica médica como importante espaço de vivência acadêmica, por um lado a suspensão dos estágios nesses setores pode ter sido uma ação protetiva para os estudantes; por outro, pode ter despertado o sentimento de comprometimento em seu percurso profissional.

Logo, diante da importância dos acadêmicos de Enfermagem como profissionais em processo de formação, torna-se urgente reconhecer que as implicações da pandemia em suas vidas podem produzir comportamentos ansiogênicos no longo prazo, desvelando a necessidade de respostas rápidas da academia para reduzir os níveis de ansiedade. Portanto, é fun-

damental que todos os acadêmicos e profissionais que compõem o universo hospitalar possam desenvolver estratégias para intervir e transformar os fatores desencadeantes da ansiedade, visando à resiliência.

Limitações do estudo

Uma limitação foi o desenho do estudo, que demonstra apenas os impactos nessa população em determinado período, não podendo apresentar relações de causalidade; logo, tais impactos devem ser monitorados no longo prazo. Além disso, tem-se a constituição amostral por conveniência e a impossibilidade de cálculo amostral.

Contribuições para a prática

Ressalta-se que, com base nestes achados, melhores propostas de prevenção aos agravos à saúde mental desse público poderão ser elaboradas, contribuindo para a formação de hábitos saudáveis com vista à mudança do cenário atual da saúde mental.

Conclusão

Este estudo pôde contribuir para identificar percentuais significantes de níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado entre os acadêmicos de Enfermagem em estágio obrigatório durante a pandemia de COVID-19. Evidenciou-se que as médias desses desfechos se mostraram diferentes em quase todas as variáveis sociodemográficas, comportamentais e acadêmicas. Além disso, sugere-se a realização de pesquisas semelhantes avaliando os novos níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado durante o período não pandêmico para comparação dos achados.

Contribuição dos autores

Concepção e projeto, redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Coelho MMF.

Análise e interpretação dos dados: Almeida PC.

Redação do artigo e revisão crítica relevante do con-

teúdo intelectual: Martins MC, Oliveira DT, Cavalcante VMV, Lima LRF.

Aprovação final da versão a ser publicada: Martins MC, Coelho MMF, Gubert FA.

Concordância em ser responsável por todos os aspectos do manuscrito relacionados com a precisão ou integridade de qualquer parte do trabalho a serem investigados e resolvidos adequadamente: Martins MC.

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Coronavírus Brasil. Painel de controle [Internet]. 2022 [cited June 23, 2022]. Available from: <http://covid.saude.gov.br/>
2. Fundação Oswaldo Cruz. Centro de estudos e pesquisas em emergências e desastres em saúde. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: recomendações gerais: 2020 [Internet] 2022 [cited July 23, 2022]. Available from: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41030>
3. Ornell F, Schuch JB, Sordi AO, Kessler FHP. "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Braz J Psychiatr.* 2020;42(3):232-5. doi: <http://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>
4. Galvão DS, Ferreira AA, Reis NFCC, Cardoso SV, Reis TN. Psychosocial aspects of nursing students during the COVID-19 pandemic. *Enferm Foco [Internet].* 2020 [cited Jan 12, 2022];11(Esp 2):143-7. Available from: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4001/997>
5. Moreira WC, Sousa AR, Nóbrega MPSS. Mental illness in the general population and health professionals during COVID-19: a scoping review. *Texto Contexto Enferm.* 2020;29:e20200215. doi:<https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0215>
6. Dantas ESO. Saúde mental dos profissionais da saúde no Brasil no contexto da pandemia por COVID-19. *Interface Comun Saúde Educ.* 2021;25(suppl 1):e200203. doi: <https://doi.org/10.1590/Interface.200203>
7. Prado AD, Peixoto BC, Silva AMB, Scalia LAM. A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do COVID-19: uma revisão integrativa. *Rev Eletr Acervo Saúde [Internet].* 2020 [cited Jan 30, 2022];46:e4128. Available from: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4128/2188>
8. Cavalcante ASP, Machado LDS, Farias QLT, Pereira WMG, Silva MRF. Educação superior em saúde: a educação a distância em meio à crise do novo coronavírus no Brasil. *Av Enferm.* 2020;38(1supl):52-60. doi: <https://dx.doi.org/10.15446/av.enferm.v38n1supl.86229>
9. Ribeiro BMSS, Scorsolini-Comin F, Dalri RCMB. Ser docente en el contexto de la pandemia de COVID-19: reflexiones sobre la salud mental. *Index Enferm [Internet].* 2020 [cited Feb 3, 2022];29(3):137-41. Available from: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962020000200008
10. Ribeiro LS, Bragé EG, Ramos DB, Fialho IR, Vinholes DB, Lacchini AJB. COVID-19 pandemic effects on the mental health of an academic Community. *Acta Paul Enferm.* 2021;34:eAPE03423. doi: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021A003423>
11. Messiano JB, Bergantini RF, Serafim TM, Baptista VAF, Tambellini MEN, Bordonal TD, et al. The effects of the pandemic on the mental health of medical academics from year 1 a to year 4 at northwestern Scholl. *Cuid Enferm [Internet].* 2021 [cited May 22, 2022];15(1):43-52. Available from: <http://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2021v1/p.43-52.pdf>
12. Silva AOS, Souza TT, Saraiva ALS, Sales ENBG, Besa CC, Facundo SHBC, et al. Fatores intervenientes ao transtorno de ansiedade em acadêmicos de Enfermagem. *Braz J Dev.* 2021;7(5):51962-81. doi: <https://doi.org/10.34117/bjdv.v7i5.30308>
13. Spielberger CD, Gorsuch RL, Lushene RD. STAI: manual for the State-Trait Anxiety Inventory. Palo Alto: Consulting Psychologists Press; 1970.
14. Biaggio AMB, Natalício L. Manual para o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE). Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada-CEPA; 1979.
15. Catell RB, Scheier IH. The meaning and measurement of neuroticism and anxiety: supplement to a review. *Br J Soc Clin Psychol.* 1963;2(3):224-6. doi: <https://doi.org/10.1111/j.2044-8260.1963.tb00394.x>

16. Han Y, Fan J, Wang X, Xia J, Liu X, Zhou H, et al. Factor structure and gender invariance of Chinese version State-Trait Anxiety Inventory (Form Y) in university students. *Front Psychol.* 2020;11:2228. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.02228>
17. Pires PLS, Soares GT, Brito IE, Lima CA, Junqueira MAB, Pillon SC. Correlation of the use of psychoactive substances with signs of anxiety, depression, and stress in nursing students *Rev Atenç Saúde.* 2019;17(61):38-44. doi: <https://doi.org/10.13037/ras.vol17n61.6099>
18. Souza J, Ornella KP, Almeida LY, Domingos SGA, Andrade LS, Zanetti ACG. Drug use and knowledge of its consequences among nursing students. *Texto Contexto Enferm.* 2018;27(2):e5540016. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0104-070720180005540016>
19. Lima BVBG, Trajano FMP, Chaves Neto G, Alves RS, Farias JA, Braga JEF. Evaluation of anxiety and self-esteem in students concluding the nursing graduation course. *Rev Enferm UFPE on line [Internet].* 2017 [cited May 12, 2022];11(11):4326-33. Available from: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/13440/24678>
20. Madriaga LCV, Souza NVDO, D'Oliveira CAFB, Carvalho EC, Lisboa MTL, Andrade KBS. The nursing teacher: a sociodemographic, labor and health analysis. *Rev Enferm UFPE on line [Internet].* 2019 [cited May 15, 2022]; 13(2):438-48. Available from: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/235941/31355>
21. Freitas EO, Silva NR, Silva RM, Souto VT, Pinnó C, Siqueira DF. Self-evaluation of nursing students about their academic performance during the COVID-19 pandemic. *Rev Gaúcha Enferm.* 2022;43:e20210088. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210088.en>
22. Sousa FCA, Silva WAS, Barreiros MHM, Luz JSN, Costa LLS, Neto FAS, et al. Prevalence of anxiety in nursing students at a higher education institution. *Res Soc Dev.* 2022;11(3):e16911326338. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26338>
23. Maia BR, Dias PC. Anxiety, depression and stress in university students: the impact of COVID-19. *Estud Psicol.* 2020;37:e200067. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>
24. Wang C, Pan R, Wan X, Tan Y, Xu L, Ho CS, et al. Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. *Int J Environ Res Public Health.* 2020;17(5):1729. doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph17051729>
25. Weiss P, Murdoch DR. Clinical course and mortality risk of severe COVID-19. *Lancet.* 2020;395(10229):1014-5. doi: [10.1016/S0140-6736\(20\)30633-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30633-4)
26. Silva ACS, Meireles AL, Cardoso CS, Barroso SM, Oliveira DCR, Paula W, Andrade MCR, et al. Relação entre vivência acadêmica e ansiedade em estudantes universitários. *Contextos Clínicos.* 2021; 14(2):563-87. doi: <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2021.142.09>
27. Oliveira EN, Vasconcelos MIO, Almeida PC, Pereira PJA, Linhares MSC, Ximenes Neto FRG, et al. Covid-19: repercussions on the mental health of higher education students. *Saúde Debate.* 2022;46(spe1):206-20. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E114P>
28. Silva DFO, Cobucci RN, Soares-Rachetti VP, Lima SCVC, Andrade FB. Prevalence of anxiety among health professionals in times of COVID-19: a systematic review with meta-analysis. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2021;26(2):693-710. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232021262.38732020>
29. Rocha NL, Sora ABA, Lapa AT, Santos DD. Construindo o projeto cuidadosamente: reflexão sobre a saúde mental dos graduandos de Enfermagem frente ao COVID-19. *Rev Saúde Col.* 2020;10(1):13-7. doi: <https://dx.doi.org/10.13102/rscdauefs.v10i1.5153>
30. Schmidt B, Crepaldi MA, Bolze SDA, Silva LN, Demenech LM. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estud Psicol.* 2020;37:e200063. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons